



DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA-RITA

NÃO FAÇAS MAL

conto por MARIA AMÉLIA BÁRCIA

EL-REI D. Leão andava muito doente. Perdera a sua costumada arrogância, perdera o apetite e sentia-se sem forças para as grandes caçadas em que sempre fôra mestre. Podiam, agora, retoiçar descuidadamente na erva tenra as gazelas, os coelhos e toda aquela bicharia com que, noutros tempos, se regalara o ditador da floresta. O estômago de El-rei, já não suportava tão suculentos manjares.

Debalde Mestre Corvo, físico da Casa Real, consultava cartapáculos e alfarrábios em busca de droga ou mizinha

que desse alívio aos males do seu amo. Debalde Dona Coruja, muito entendida em bruxedos e trampolinices, fazia os seus sortilégios e pedia auxílio a quantas feiticeiras conhecia. Nada curava aquela Majestade que, dia a dia, curvava mais a sua, outrora, tão aprumada figura.

Até que, um dia, sentindo-se pior do que nunca, El-rei chamou o tigre, seu conselheiro, e lhe disse:

— «Tenho esperado em vão que médicos e bruxos me curem. Vou tentar hoje um último recurso: Faça saber que todos os animais da floresta se devem apresentar em meus Paços, para darem o seu alvitre à-cêrca do tratamento que devo seguir. O que me curar, pode para sempre contar com a minha protecção. Mas, — acentua bem — aquele que faltar à chamada, será condenado à morte por traição ao seu Rei.»

Ainda meia hora não era passada, já um macaco, com seus guinchos e es-



gares, fazia saber à bicharada as ordens de El-rei.

Elefantes e jacarés, águias e andorinhas, lebres e ouriços, carochas e formigas, enfim toda a bicheza tratou, imediatamente, de se pôr a caminho para o Palácio Real!

E' claro que o Senhor Lobo, velho amigo e companheiro de caçadas do Leão, foi dos primeiros a acorrer ao chamamento.

Caminhava ele muito apressado por um atalho, quando encontrou a Raposa, sua velha inimiga. Continuaram juntos durante algum tempo, até que o Lobo perguntou:

— «Senhora Raposa, não vai ao palácio ver Sua Majestade?»

— «E' claro que vou, respondeu a outra; mas estamos chegados à porta de minha casa. Entro para procurar

(Continua na página 6)



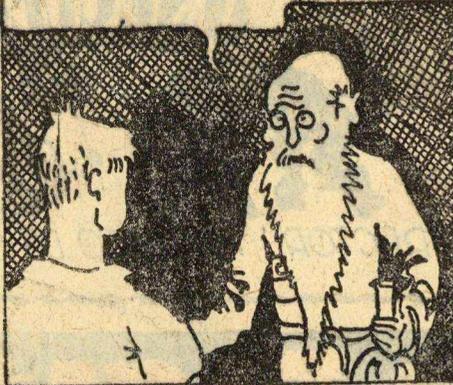
GUY MANUEL 30

MICROBIO-LÂNDIA

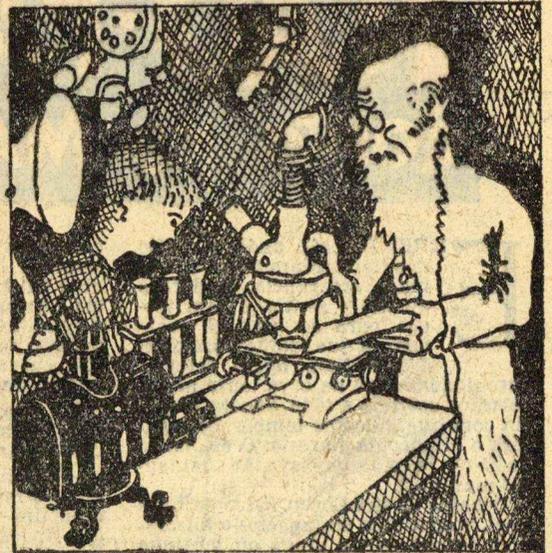
NO PAÍS DOS MICRÓBIOS
POR SÉRGIO LUIZ

PODES, VIESTE MESMO NO MOMENTO PRECISO. TENHO TUDO PRONTO PARA COMEÇAR AS EXPERIÊNCIAS. VOU OBSERVAR A VIDA DAQUELE MICRÓBIO DE QUE TE FALEI HÁ DIAS.

AQUELE QUE FAZ COM QUE EU SEJA UMA CRIANÇA IRREQUIETA E CURIOSA?

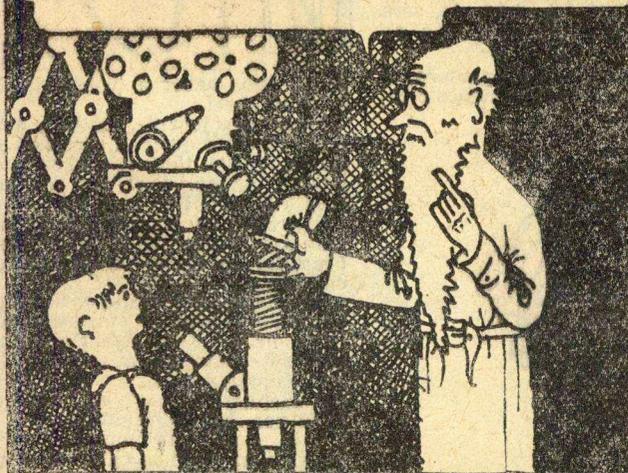


EXATAMENTE. AQUI ESTÁ UMA FOTOGRAFIA QUE LHE TIREI. NÃO ESTÁ MUITO NÍTIDA MAS HOJE VAMOS OBSERVÁ-LO MELHOR.



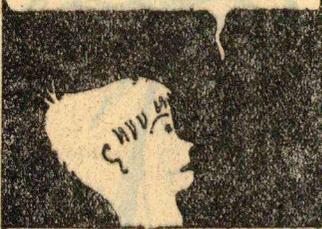
COMO NÃO PODEREMOS ESTAR SEMPRE A OBSERVÁ-LOS... AS MÁQUINAS SE ENCARREGARÃO DE OS FOTOGRAFAR.

ESTE AMPLIADOR AUMENTA EXTRAORDINARIAMENTE TODOS OS RUIDOS QUE SE PRODUZAM NA PLATINA.

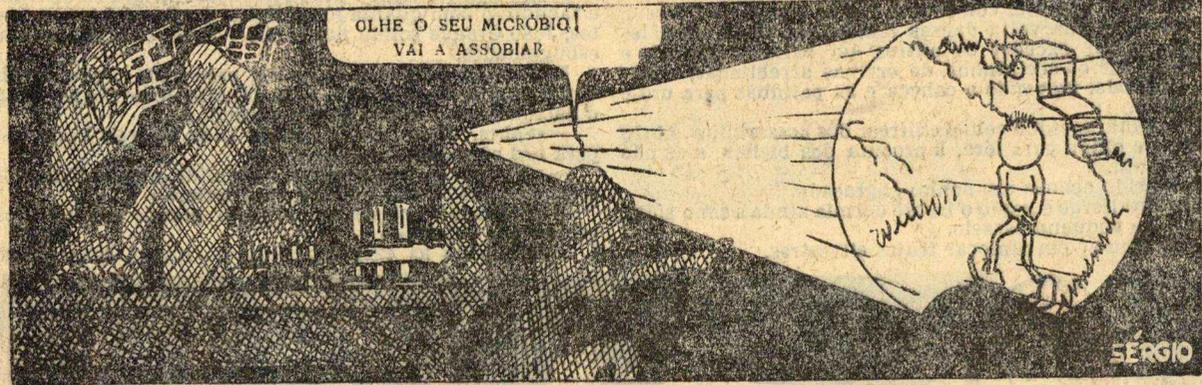
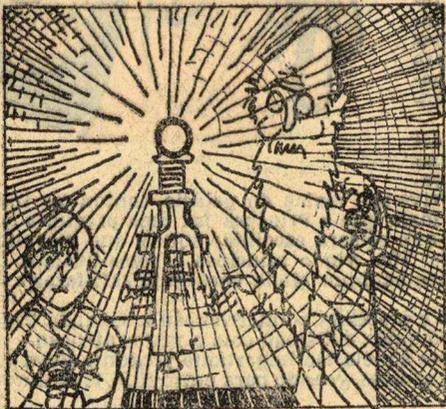
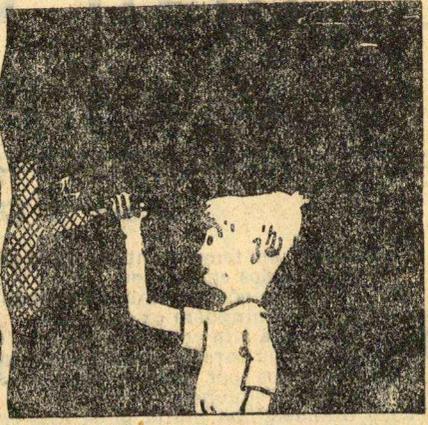


SÉRGIO

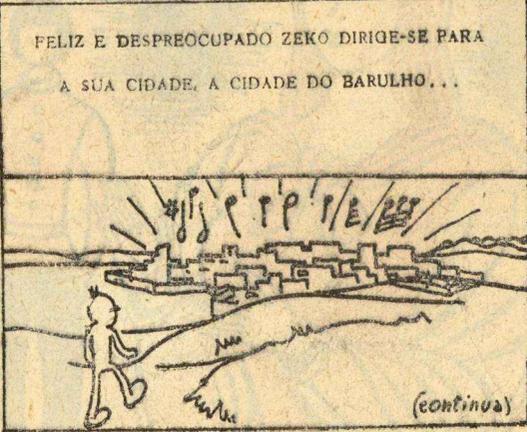
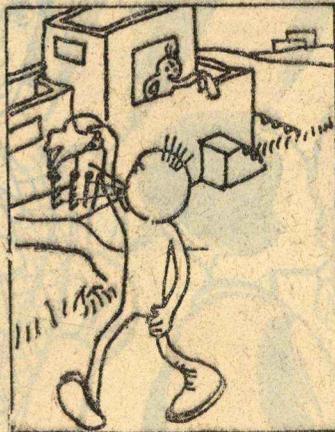
MICROBIOLANDIA
ENTÃO, VAMOS FAZER UM
FILME SONORO E TUDO...
DEMORA MUITO



NÃO! PODES APAGAR A LUZ
ESPERA! ESTE VIDRO TEM UM
BURACO... MAS NÃO TEM IMPOR-
TANCIA...
APAGA A LUZ



SIGAMOS O MICRÓ-
BIO E OBSERVEMOS
A SUA VIDA COM O
AUXILIO DOS APARE-
LHOS DO AVÔ DO EN-
DIABRADO TONECAS



O João Grande e o João Pequeno

Por TUJA



VIVERAM, em tempos antigos, já lá vão muitos anos, dois irmãos enfeitados.

Haviam pôsto a ambos o mesmo nome: «João». Contudo ninguém os confundia.

Um era alto como um gigante. O outro era tão baixo que parecia um anão. Por êsse motivo eram chamados por tôda a gente o João Grande e o João Pequeno.

O João Grande tinha muita fôrça mas era pouco inteligente. O irmão, pelo contrário, tinha sempre resposta pronta para tudo. No povoado não havia quem o igualasse em esportezza e inteligência.

Ora um dia aconteceu que os dois rapazes se aborreceram da vida que levavam.

João Pequeno lembrou-se, então, de irem os dois correr mundo. O irmão aceitou a proposta.

João Pequeno tratou de arranjar um alforge onde se pudesse meter. Ficou combinado que viajaria, assim, às costas do irmão. João Grande pô-lo aos ombros sem esforço algum e alegremente se meteu a caminho. Para êle o irmão era leve como uma pena.

João Pequeno ia radiante. Pelo caminho deitava a cabeça de fóra e dizia:

— «Eh, João, vamos conhecer mundo!»

O outro sorria, e continuava a caminhar. Quando veio a noite, serviu-lhes de abrigo uma árvore.

Era tão copada e cheia de folhagem que parecia mesmo feita de propósito para êles.

Deitaram-se. João Pequeno ajeitou-se o melhor que pôde no seu leito provisório. Enrolou-se nas dobras do alforge, e, passado algum tempo, adormecia tranquilamente.

Pela noite adiante, começou a ver os bichos da floresta, executando à sua volta dansas fantásticas. Cada um dêles parecia querer exceder os outros em ballados difíceis e graciosos. Até os coelhinhos, de orelhas arrebitadas, andavam em roda, movendo a cabeça e as patinhas para um e outro lado.

De manhã, acordou com o chilrear dos passarinhos. Abriu os olhos e olhou para fóra, à procura dos bichos mas não viu nenhum.

Tinha sido apenas um sonho engraçado.

Saíu do alforge e, como o irmão dormia ainda a sono sóto, foi dar um pequeno passeio.

Contentou-se em almoçar frutos silvestres.

Quando voltou à árvore, reparou em duas pêgas que estavam poiçadas nos ramos. Palavra uma:

— «Sabes que a bela Princesa já se resolveu a casar? Dizem que o rei está muito velhinho e que, antes de morrer, quere ver quem lhe há-de suceder ao trono.»

— «Sim, já sei do que se trata.»

O meu compadre corvo que vive nas matas do palácio, contou-me tudo isso. Disse-me mais que a Princesa faz uma pergunta aos pretendentes e que só será escolhido aquele que responda com mais acêrto. Têm vindo príncipes e belos fidalgos de tôda a parte, mas nenhum ainda conseguiu satisfazer a filha do rei.»

— «E o que é a pergunta?» Interrompeu a segunda Pêga. João Pequeno ouvia o diálogo com a maior atenção.

Mas a resposta àquela tão importante pergunta ficou por revelar, porque as aves, voando para outro sítio, levaram-na consigo.

João Pequeno tomou uma resolução. Dirigiu-se ao irmão e sacudiu-o com quanta fôrça tinha. Ao fim dalguns minutos, João Grande soltou um ronco e abriu os grandes olhos esbugalhados.

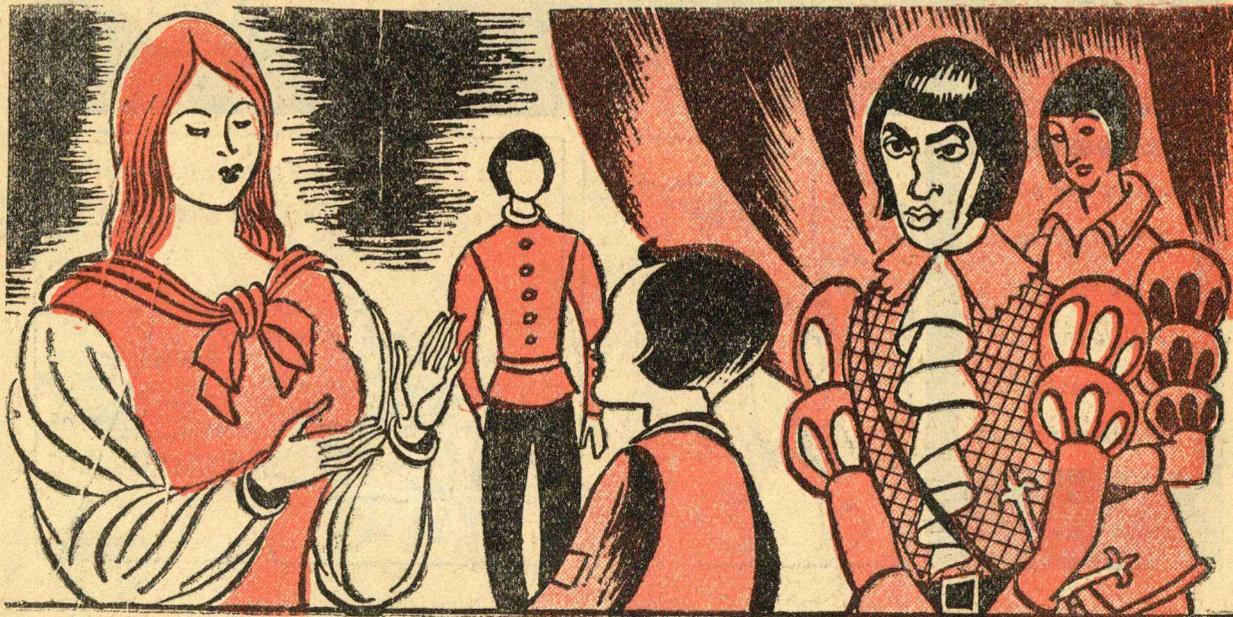
Fitava o irmão com surpresa, parecendo perguntar-lhe o que queria dizer aquele aranzel. Mas João Pequeno não o deixou pensar muito tempo, dizendo:

— «Sabes, quero casar com a filha do rei. Levanta-te para nos pôrmos a caminho.»

— «O quê? Tu, tão pequeno e humilde, queres casar com a princezinha? Estás maluco, com certeza.»

— «Deixa-te de coisas e apressa-te, porque estou ansioso por chegar à cidade.»

Acostumado às extravagâncias do irmão, João Grande



IR BUSCAR LÃ... E FICAR TOSQUIADO

Por
VENUTRA



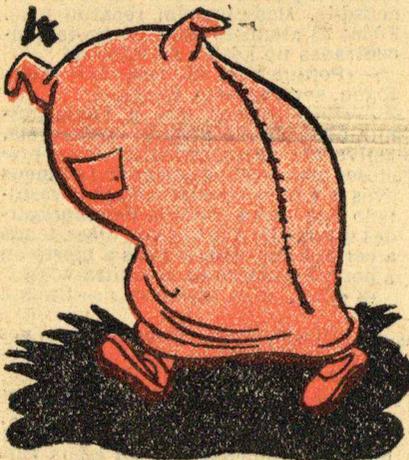
Sabendo que o Adrião
Blasonava de valente,
Quis o menino Romão
Pregar-lhe um susto inocente.



E foi buscar à despensa
Uma saca das de trigo,
Que enfiou pela cabeça,
Para assustar o amigo.



No seu quintal, o Adrião
Correndo, aos saltos, brincava
Com o Fiel, canzarrão
Que com êle acompanhava.



Quando o Romão, bem contente,
Dentro da saca metido,
Aparece, de repente,
Dando um grito desabrido,



Toma o caso por insulto
O Fiel que, ao vê-lo, estaca
E logo se atira ao vulto
Ferrando os dentes na saca.



Por fim, tiraram, a custo,
Do sacco a pobre criança,
Que não ganhou para o susto
E lhe ficou de lembrança.

não opôs resistência, e continuou a marcha interrompida. Como era muito alto, cada passo d'êles valia por uns poucos de metros. Por isso, em algumas horas, alcançou a capital onde morava a Princesa. No centro da cidade erguia-se o magnífico palácio real. Todos os pretendentes se dirigiam para lá.

João Grande, a conselho do irmão, seguiu o mesmo caminho.

A multidão era tanta que os guardas do palácio, a custo continham o povo impaciente. Todos queriam saber quem seria o futuro rei.

A chegada dos dois irmãos, levantou algum borbórinho. Os seus fatos grosseiros, de campônios, contrastavam com a opulência e riqueza dos outros pretendentes.

Todos olhavam, com admiração, aquele homem tão alto, que trazia às costas um minúsculo rapaz. Na verdade era tão alto que dominava mesmo aqueles que iam a cavalo.

Assim, não foi difícil a João Pequeno, avistar a princesa pelas janelas abertas.

Estava sentada num trono de ouro, e tão bela lhe pareceu que repetiu mais uma vez:

— «Eu é que hei-de casar com a princesa.»

Os pretendentes iam entrando pela porta principal, e saíam depois por uma outra que dava para os jardins. Eram

divididos em grupos de sete, e esperavam, na sala contígua à do trono, que chegasse a sua vez.

Um por um, iam-se apresentando diante da princesa. João Pequeno teve que esperar ainda bastante tempo para poder entrar. Quando partiu o grupo d'êles, o irmão pô-lo no chão e êle encaminhou-se para a princesa a quem fez uma vénia. Depois, esperou que esta o interrogasse. Ela mirou-o com curiosidade, mas, apesar disso, fez-lhe a pergunta do mesmo modo que aos outros:

— «Que deve interessar mais um rei que se prepara para governar um povo?»

João Pequeno pensou alguns momentos, e respondeu resolutamente:

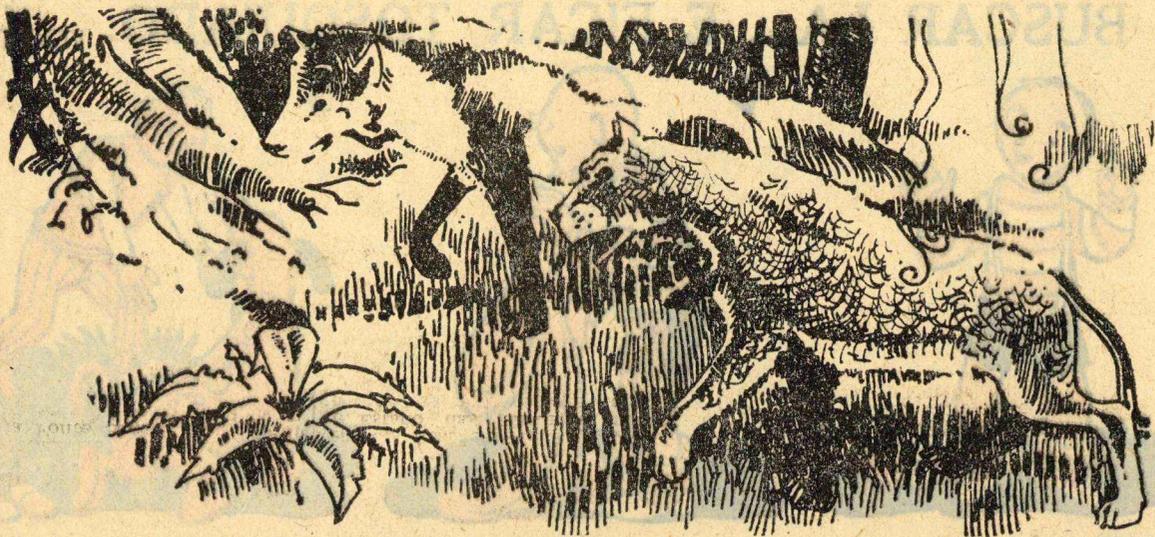
— «Procurar fazer justiça!»

Como dissemos, já muitos se haviam apresentado, mas nenhum se lembrara de dar esta resposta tão simples e justa. A sua vaidade e orgulho não lhes sugerira uma resposta tão fácil. Por isso, a princezinha ficou encantada e disse-lhe sorrindo:

— «Já que és tão esperto, responde-me agora ao que te vou perguntar:

— «O que é que me tem admirado mais, nêstes últimos tempos?»

(Continua na página 7)



N Ã O F A Ç A S M A L — (Continuado da página 1)

um precioso remédio que, decerto, curará o nosso Rei. Quere esperar-me um bocadinho ?

Então, uma estranha e maldosa ideia acudiu ao Lobo. Aquela manhosa e fidalga inimiga ia, de certo, suplantá-lo, curando o Leão. Ah ! Mas antes disso...

Apenas um segundo tinham durado estes pensamentos. Muito gentil inclinou-se para o companheiro, dizendo: — «Ora essa, vá, vá que eu espero-a aqui.»

E, ainda a Raposa não chegara ao fundo da toca, já o malvado lhe tapara a saída com um enorme pedregulho.

Aflita, a pobre bicha bem barafustou, mas qual !

Cá de fóra, o seu cruel inimigo gritou-lhe em voz escarvinha:

— «Adeus, querida amiga. Amanhã lhe virei abrir a porta. Descance que ainda vai a horas para cumprir a sentença de morte...»

E partiu sem remorsos, como um malvado que era. Quando chegou à clareira que circundava o palácio, começara a reunião. Pouco a pouco, os bichos iam tomando os seus lugares. O tigre, com uma lista na mão, marcava as presenças.

- «Elefante !»
- «Presente !»
- «Coelho !»
- «Presente !»
- «Pirilampo !»
- «Pronto !»
- «Lobo !»

— «Aqui estou, meu Senhor !» Respondeu uma voz umtuosa.

— «Raposa !»

Ninguém respondeu.

O tigre, franzindo o sobrolho, repetiu com mais força:

— «Raposa !»

Silêncio absoluto. Os bichos entreolharam-se admirados.

Após uma terceira chamada, sem resultado, o Tigre declarou que, não comparecendo a Raposa até à hora de encerrar a sessão, seria presa no dia seguinte, ao romper da aurora e jul-

gada em processo sumário, ao qual se seguiria a execução.

El-rei tomou, então, a palavra:

— «Sabeis, meus fieis vassallos, como tenho andado fraco e doente. Nada me apetece, nem mesmo aquele saboríssimo coelho à caçadora que o meu cozinheiro tão bem prepara. Não como, não durmo, não descanso nem de dia nem de noite. Ora talvez que algum de vós, conheça qualquer remédio que possa curar-me. Dizei-o, seja ele qual for, que o seguirei à risca, por muito

Na sua bancada, o Lobo arreganhava a dentuça tremendo de raiva e de medo. Aquela idiota ia, de certo, acusá-lo. Mas ninguém reparou nele. Todas as atenções estavam agora concentradas no Leão e na Raposa.

— «Porque vens tão tarde ?» — interrogou, severamente, El-rei.

— «Real Senhor, que a Vossa infinita bondade me perdõe — gemeu ela. Estive até agora consultando os preciosos manuscritos que herdei de meus avós e venho comunicar-vos o resultado dos meus estudos. Se empregardes o remédio que vos vou dizer, tende a certeza que nunca mais a morte ou a doença poderão nada contra vós.»

— «Dize, dize, depressa.» — Bradou o Rei.

— «Hesito, Real Senhor. Para vos curar, seria preciso sacrificar um dos vossos súbditos... E eu não sei...»

Então o Rei urrou, fazendo tremer as árvores da floresta.

— «Onde está aí o vassallo maldito, que não seja capaz de dar a sua vida para salvar a do seu Rei ?»

Fez-se silêncio profundo. Cada um dos bichos pensava com os seus botões que tinha as horas contadas, quando a Raposa, com ar trágico e as lágrimas nos olhos, regougou:

— «Pois bem, Senhor: Vós sofreis de falta de calor. Vosso sangue está fraco e não vos aquece sufficientemente. Para vos curardes há só um meio. Mandai esfolar immediatamente um lobo e embrulhai-vos na sua pele. E' remédio santo !»

E, ainda o Lobo se não refizera da surpresa, já duas garras possantes o arrebataram para o interior do palácio, onde, em menos de cinco minutos, o seu pelo negro foi servir de capa ao Rei dos Animais.

Não diz a história se o Leão se curou. Mas em boa verdade vos digo que a este Lobo lhe saiu bem certo aquele provérbio que reza assim:

Não faças mal à conta de te vir bem.



caro ou difícil de obter que seja. Espero os vossos alvitres. Tenho dito.»

Levantara-se o Elefante para falar, quando a Assembléa se agitou como um mar subitamente encapelado e, empurrando tudo e todos, um animal entrou por ali dentro esbaforido e veio cair aos pés do Rei.

— «A Raposa ! A Raposa !» Cochichava-se de todos os lado. Era, de facto, a Raposa que, após mil esforços, conseguira fugir ao cativoiro e à morte cruel que lhe estava reservada.

CAPICUA DE 23 LETRAS

Curiosa, pela sua extensão, reproduzimos a seguinte frase-capicua, fornecida por um nosso amável colaborador:

ATAI A GAIOLA SALOIA GAIATA

ANEDOCTA

- No caminho de ferro o revisor indaga:
- Que idade tem os seus meninos,
- minha senhora ?
- Seis anos. São gémeos.
- Onde nasceram ?
- Este em Lisboa e aquele no Pôrto.

CORRESPONDÊNCIA

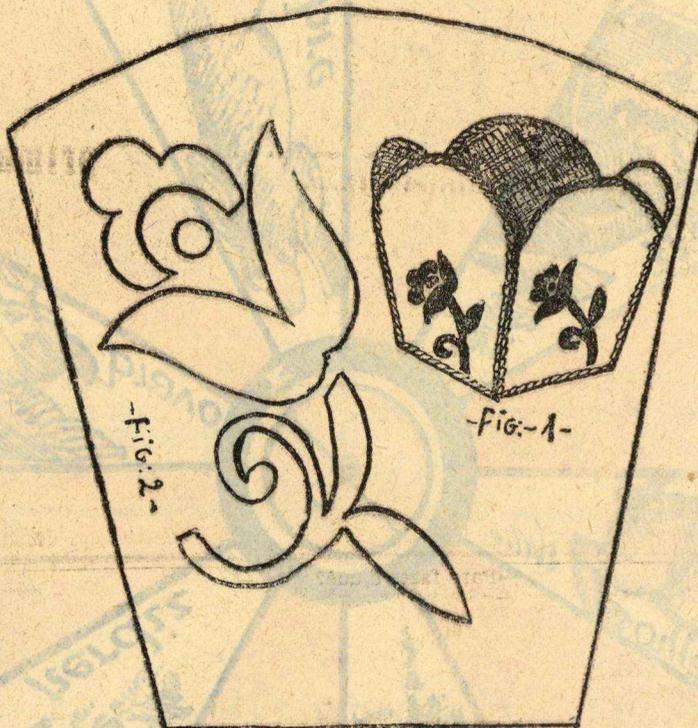
Milau: — O teu conto sairá no próximo número. Os conselhos que nos pedes, dar-tos-emos em carta. Para isso envia-nos a tua direcção.

ARTE APLICADA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

Eis uma pintura em relevo, feita com cristais, cujo processo vos vou ensinar.

As tintas, para esta pintura, estão em bisnagas já preparadas. Espreme-se, para um cartuchinho, um pouco desta tinta; dão-se duas dobras para fechar e aperta-se este com o indicador e o polegar, para que a tinta saia pelo bico do cartucho, (cuja extremidade se cortou com uma tesoura) sobre o desenho. Enquanto a tinta está fresca, colocam-se os cristais que ficam presos na tinta e dão luminosidade. Em seguida, deitam-se sobre a tinta dois tons de cristais, pois há-os em tôdas as côres. O



desenho que hoje vos apresento, é fácil de se fazer. Este cesto de costura ou ainda um «cache-pot» podem ser feitos em seda ou veludo. Uma forma de cartão dará consistência ao trabalho.

A figura 2 é um modelo dos quatro lados do trabalho, que se deve fazer, primeiramente em cartão, forrando-o com a seda ou o veludo pintado a «Perlê». Contorna-se o trabalho, depois de pronto, com um cordão de seda que cobre os pontos do fôrro, ao veludo ou à seda.

O fundo da caixa é tapado e forrado, tendo também um cordão como indica o desenho n.º 1 para remate.

A NOSSA CONSTRUÇÃO O JÔGO DA CAÇA

O jôgo que o «Pim-Pam-Pum» oferece hoje aos seus amiguinhos, é uma construção fácil de armar. Colem a página 8 em cartolina espessa e recortem, seguidamente, as figuras nela representadas.

Sobre qualquer suporte de madeira, espetem com um alfinete, perfurando o centro, a circunferência sobre a qual, na letra A, deverá ser colada a base da figura que representa o caçador. Imprimam um movimento giratório e, quando aquela parar, vejam se alguma das peças de caça coincide com a seta, que terá sido previamente colocada à margem da circunferência. Se não coincidir, o tiro terá falhado a pontaria.

Cada jogador actuará alternadamente e, ao fim de 10 ou 20 voltas, conforme tiver sido combinado, o jogador que tiver morto maior número de peças de caça, ganha o jôgo.

O João Grande e o João Pequeno

(Continuado da pagina 5)

— «É que entre tantos homens ilustres, nenhum vos tinha respondido com acôrto.»

A princesa, achando muita graça ao que disse o João Pequeno, voltou-se para o rei e para a côrte, exclamando: — «Será este o meu marido e sucessor de meu pai.»

Houve um pequeno rebolico na côrte, porque muitos não concordavam com tal casamento.

A Princesa, porém, não quis saber de nada, e teimou em sacar com João Pequeno.

O nome do futuro rei foi afixado em grandes letras douradas por tôdas as terras do reino.

Passados alguns dias, realizou-se o casamento e fez-se a coroação do novo soberano.

A princesa, às vezes, desconsolava-se um pouco com a

pequenez do marido, mas ele era tão esperto e inteligente que depressa lhe fazia esquecer o seu tamanho.

João Grande, que tanto auxiliou o irmão, não foi esquecido. O novo rei, além de lhe dar uma magnífica pensão, mandou-lhe construir uma casa enorme, por onde elle pudesse andar à vontade.

E assim acaba a história do João Grande e do João Pequeno.

F

I

M

